



Editorial

O tempo vislumbra distintas imagens

El tiempo vislumbra diferentes imágenes

Time glimpses different images

Maria Cecília França Lourenço

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ USP, São Paulo, capital/BRA
mcfloure@usp.br.*

Diante de uma imagem, enfim, temos que reconhecer humildemente isto: que ela provavelmente nos sobreviverá, somos diante dela o elemento de passagem e ela é, diante de nós, o elemento de futuro, o elemento de duração [...]. A imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro [...].
(DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 16).

Ao se encerrar este ano, se divisa uma série de expectativas, para que 2023 seja melhor e a edição número 13 da *Revista ARA FAU USP*, com o tema “Tensão e Contensão”, aborda variados contornos, conflitos e desejos para ampliar anseios. Imagens se expandem para além do visível e palpável, como nunca antes, sejam as tecidas por palavras, sons, filmes e formas, sejam corpos em movimento. Graças à nano tecnologia, fazê-las e difundi-las se alastrou, atingiu estatuto singular e vem se expandido no cotidiano de parcela incomum da população.

Dado a ser grifado sobre as artes reside na questão de que, em suas variadas formas, elas criam expressões imagéticas sobre o tempo: aquele que se foi, o que está sendo e também o que se será. Tempo constitui-se em núcleo pulsante da *Revista ARA FAU USP*, lembrando que o nome *ARA* remete a TEMPO em tupi-guarani. Estes povos originários observam o Sol e ressaltam dois momentos singulares: Ara Pyau, voltado à primavera e verão, e Ara Ymã ao outono e inverno, como se diferencia a *Revista*.

Atente-se que o Dossiê e as Submissões evidenciam que os seres podem reagir após tropeços, aguçar o senso crítico e a sensibilidade para o diferente. A hora atual exala imagens, palavras e pensamentos prenhos de sonhos por melhoria e renovação. Ao se analisar dados e situações urbanas, estes podem exalar ares lúgubres e povoados por valores superados, aqui e no mundo. Clamam por melhoria social e diálogo democrático, mas estes sempre voltam, fato esperado para 2023.

Contatam essa tendência de reler o passado alguns dos estudos e ensaios, que se valem de fazer manual, por meio de recursos tradicionais a registrar memórias, relações e denúncia sobre o viver urbano dominado pela mercantilização de formas engendradas pela necessidade de habitar e a criatividade. Uma vez mais se alteiam neste conjunto e na cena cultural as conquistas erigidas por gestos e invenções seculares, como desenho, aquarela, pintura ou fotografia, sem dar costas para as novas mídias, em se tratando de uma revista digital.

A pesquisa e a inovação tecnológica têm sido decisivas para alterar problemas iminentes no recente isolamento social e em muitos campos. Assim, a investigação se mostra ímpar, para ampliar a fronteira da vida, como em vacina, medicina, saúde pública e em intervenções, em espaço urbano. Então, por meios imagéticos, os recursos digitais abrandaram distâncias, dilataram horizontes, povoaram de sons e imagens o espaço de pequenas e grandes cidades, aqui e no mundo.

Atos coletivos constituem chave imperiosa, pois, ainda vigem preconceitos, mitos retrógrados e messiânicos. Ao final do século 20, Georges Balandier conceituou o que denominou "mitos oportunistas" disseminados por mídias, em fluxos de palavras e imagens. Considerando-os como frágeis e ilusórios e "[...] como a ilusão, desaparecem assim que seu efeito enfraquece. São enganadores e precários, como [...] a produção de massa e o frenesi do mercado entregam e liquidam em curtos prazos" (1999, p.13). A fala poderia ser sobre o hoje, ou talvez o ontem!

Artigos e ensaios visuais desta edição criticam, por palavras e imagens, certos mitos, desde o assim autodenominado, que se despede na Presidência deste país; o do traslado do coração do mandatário português, para comemorar o Bicentenário da Independência do Brasil; ou do mito de progresso com a derrubada de antigos

bairros; igualmente aquele de que a mobilidade urbana se dissocia da social; até o ligado a este e ao ao meio ambiente, ao se afundar rios para um futuro melhor.

Acrescente-se investigações e visualidades em várias temporalidades, a citar: meandros sobre a criação do arquiteto barcelonense Antoni Gaudí, nascido no século 19, mas que dialoga com estes tempos. Outra face desse embate se dá na esfera de gênero, etnia, costumes e inquires: o que escrever, conservar, memorializar? Outros estudos envolvem a crítica e reversão ante aspirações e fatores, há muito caros para o humano, como o de preservação, conservação e conquista de um lar.

A Editoria agradece à equipe do Grupo Museu Patrimônio FAU USP, ao pessoal da FAU, aos leitores e aos autores por compartilhar tempo, especialidades e seus estudos. No geral interpretam-se questões contemporâneas transdisciplinares, com ênfases nos campos artístico, a incluir os mais diversos, entre tantos sócio-político, estético e espaço urbano. Reitero que, um dos objetivos da *ARA*, se direciona a reunir autores cujos textos debatam realidades do presente, formulem perguntas e incentivem a se aprofundar em reflexões críticas. Boa leitura e a todos um ano de muitas realizações!!

Ciça, Verão 2022.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BALANDIER, Georges. *O dédalo*: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo*: História da Arte e anacronismo da imagem. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2019.